



# Iconologias e idolatrias pós-modernas<sup>1</sup>

## Postmodern iconologies and idolatries

Michel Maffesoli<sup>2</sup>  
michel@maffesoli.org

### Introdução

Não há sociedade em que o diabo não tenha seu quinhão. Isso é o que, historicamente, os mitos nos revelam: o claro-escuro, o preto e o branco de toda existência humana. As crianças crescem sonhando. Os sonhos, em outras palavras, são o que as faz crescer. Mas não apenas elas. Pois o que é certo é que os mitos – isto é, a cristalização dos sonhos coletivos – são o que permite tornar uma sociedade no que ela é. É preciso, num primeiro momento, saber identificá-los, para, aí sim, poder interpretá-los. E isso só pode ser feito mostrando ao que eles sucedem, pois cada época deve conseguir elaborar o atlas de seu imaginário, a fim de estabelecer suas marcas e identificar o chamado "rei secreto" que, para além dos poderes aparentes, rege, em profundidade, aquela época.

A tarefa é infinita, mas é preciso empreendê-la, mesmo assim. Daí a descrição de alguns ícones, de alguns grandes temas norteadores, de alguns fenômenos *societais* que marcam profundamente nossa vida. São, geralmente, arquétipos que se tornam estereótipos cotidianos. Eles encontram, às vezes, suporte da cibercultura. O que não deixa de ser paradoxal! Em todo caso, é curioso ver retornar, com a ajuda da Internet, as figuras emblemáticas que abalaram a infância da humanidade. É paradoxal afirmar que o entusiasmo voltou? Refiro-me ao seu sentido etimológico: o que movimenta as paixões e as emoções comuns. É como diz o ditado: o coração tem razões que a própria razão desconhece.

A vida social, na verdade, não vem se reconhecendo mais, habitualmente, no que Max Weber havia denominado "a racionalização generalizada da existência". Talvez seja isso o que, mais uma vez, nos permite ficar atentos aos mitos. Certamente, estes mitos – uma herança da tradição greco-latina – continuam, para o pior ou o melhor, impulsionando as *grandes obras* da cultura. A ópera, a pintura, a tragédia, a literatura, claro, se nutrem disso. Porém, as imagens clássicas não subsistem, para dizê-lo metaforicamente, a não ser sob a forma do 1% cultural. Dançarina que a sociedade produtivista tolera, pontualmente, mas que pode facilmente ser rejeitada quando for necessário.

Se o importante é a dura lei de ferro da razão, todos e todas as coisas acabam se submetendo ao princípio de realidade da Utilidade Universal. E mesmo quando Roland Barthes escreve suas *Mitologias* nos anos 1960, com a elegância e a sutileza que lhe são próprias, é para falar de uma "desmistificação". Retomando seus próprios termos, trata-se de fazer uma semiologia que seja, acima de tudo, como ele o diz, *semioclastia*. O espírito do tempo é o de "crítica ideológica". Para ele, Barthes, a noção de mito é correlativa à falsa evidência ou, sem alongar a discussão, à *falsa consciência*. Mas sabe-se que não existe nada constante: a não ser a mudança! Ao ideal racional, que foi a marca da modernidade, sucede-se uma "ambiência idolátrica".

<sup>1</sup> Texto original publicado em francês: MAFFESOLI, M. 2008. Introduction. In: M. MAFFESOLI, *Iconologies – Nos idol@tries postmodernes*. Paris, Albin Michel, p. 9-14, e MAFFESOLI, M. 2008. Baroque. In: M. MAFFESOLI, *Iconologies – Nos idol@tries postmodernes*. Paris, Albin Michel, p. 27-32. Tradução de Eduardo Portanova Barros (PNPD/CAPE/PPGCS/Unisinos).

<sup>2</sup> Université Paris-Sorbonne. CeaQ – 45, rue des Saint-Pères 75006, Paris, France.

## As formas simbólicas

Nossas sociedades, e as novas gerações são testemunhas disso, não são mais iconoclastas. A imagem, o imaginário e as formas simbólicas têm um papel importante e que está longe de ser negligenciável. A Internet irriga em profundidade as consciências. Convém, pois, tomar a sério todas estas representações. E isso é tão real que a partir do momento em que algo se torna verdade para alguém, para um grupo ou talvez uma sociedade, este algo passa a existir e merecer atenção<sup>3</sup>.

Logo, se não desprezarmos o que faz vibrar as massas e não considerarmos desagradáveis estes sintomas, aceitando-os por aquilo que são, então seremos capazes de restituir aos mitos e aos múltiplos ícones que embelezam o cotidiano seus títulos de nobreza. É preciso estar atento a isso. Ao contrário da História, segura de si e tendo ao mesmo tempo um Senso e uma Verdade (assim mesmo, com letras maiúsculas!), a mitologia não passa de uma sequência de episódios com, no máximo, verdades pontuais e, em todo caso, efêmeras. São estas pequenas histórias que se podem contar sob a forma de vinhetas pontuais. À imagem dos deuses da mitologia clássica, as estrelas contemporâneas ou as situações paradigmáticas apenas cristalizam a luz coletiva. Elas têm um esplendor próprio, e é por isso que nos fascinam tanto. Daí a necessidade, também, de fazer alguns apontamentos e tentar dar conta tanto daquele esplendor quanto daquela fascinação.

Convém acrescentar que se trata, neste caso, de um viés que eu assumo, o de que as figuras míticas são eternas ou, para dizer ao modo de Carl Gustav Jung, arquetípicas. Elas tomam formas diversas, mas sua realidade, esta, é intangível. De Homero a James Joyce ou, podemos dizer, de James Joyce a Homero a estrada é longa. Ulisses, porém, como em si mesmo, corresponde bem à figura que ele *deve*, num caso ou noutro, encarnar. Os mitos são transpessoais e estão, como tantas *metáforas obsedantes*, ressurgindo, seguindo determinadas épocas sob vestimentas de luxo ou andrajos. Mas sua realidade é incontornável. E, em certos momentos, o que é o caso na pós-modernidade, eles retomam a força e o vigor. Como dizia Ernst Cassirer a propósito do simbólico, sua *pregnância* torna-se, portanto, indubitável.

Deve-se, pois, encontrar um caminho intermediário, aquele da sabedoria, para dar conta dessa maneira delicada que recusa os modismos de certas frases, mais apaixonadas por elas mesmas do que pela verdade das coisas, e dos pesados raciocínios de escolásticos rebarbativos. Um caminho de pensamento, em suma, que tenha o *cuidado* da via concreta. Os ícones e os mitos nascem das circunstâncias. Eles necessitam, pois, um aporte que também leve a sério essas circunstâncias sem que ele mesmo seja uma obra de circunstância. E isso é difícil fazer num tempo em que a escrita é tão fortemente não essencial. Implica

que o pensamento saiba, para além ou aquém da simples razão racionalizante, zelar pelos pesadelos, pelos sonhos, pelas fantasias, logo sobre esta extraordinária faculdade de se evadir do princípio de realidade. É esta evasão que permite a uma cultura ser o que ela é.

Assim, podemos descrever os afloramentos contemporâneos destes ícones que vão, aqui e ali, emergir e invadir nossas vidas cotidianas, exprimindo uma renovação periódica, cíclica, *espiralesca* da juventude do mundo. Não é por nada, além disso, que as novas gerações sejam as que, sem nenhuma vergonha, levam a sério aqueles afloramentos. Suas tribos musicais, seus fóruns de discussões, seus sincretismos filosóficos ou religiosos não temem se fantasiar de deuses ou dos heróis que pareciam esquecidos. Sem que o saibam, estas gerações, no seu nomadismo, repetem este oximoro pelo qual Goethe havia definido a natureza: uma ordem móvel. Há uma necessidade como que intangível, "iniludível" (que não admite dúvidas): são figuras emblemáticas, mas que apresentam uma mobilidade que as torna atuais.

Nomadismo, tribalismo, androginia, animalidade, barroco, proxemia, seitas... Tudo isso pode ser considerado ícones intemporais que, junto com avatares como Zidane, Houellebecq, l'abbé Pierre, lembram que o mundo social é, acima de tudo, o resultado de nossas representações, de nossos imaginários, de nossas imaginações. Deve-se deixar claro que essa ilustração da sinergia entre o *arcaico* e o desenvolvimento tecnológico se vive no Toile<sup>4</sup>, da forma como MySpace ou Second Life o testemunham. Nós estamos bem longe da mitologia dos Lumières. A expressão familiar "é claro", como numa antifrase, traduz bem a consciência de que a existência é mesmo o lugar do "claro-escuro". Os mitos, refiro-me aos da mitologia clássica, como também aqueles da mitologia pós-moderna, iluminam, de alguma maneira, este caminho – individual ou coletivo – que é toda a existência humana. O mito é um oximoro: é a sombra clara que serve de farol. Logo, como o diz lindamente James Joyce a propósito de Ulisses, o mito tem alguma outra função que a de "brilhar a alma escura do mundo"?

## O barroco

Para além dos moralistas de plantão, o prazer de "dizer sim" à vida se exprime bem no jogo das aparências. Neste cenário, o gozo não se difere mais entre o paraíso celeste ou terreno, mas é repatriado aqui-e-agora. Há momentos em que prevalece a profunda superficialidade das coisas. Dessa forma, vemos retornar, regularmente, o prazer do toque. Em suma, trata-se de uma *correspondência* de todas as coisas das quais o barroco é o exemplo acabado. A alta costura o testemunha, a coreografia o expressa, a música o celebra. O barroco é, exatamente, a manifestação, vivida no cotidiano, da desordem de todas as paixões.

<sup>3</sup> Conforme Patrick Watier (2009) em *Uma introdução à Sociologia Compreensiva*, publicado no Brasil pela Forense Universitária.

<sup>4</sup> No original, "sur la Toile", que é um jogo de palavras com Sur-La-Toile (SLT), um blogue francês de ciência, tecnologia e informática.

É a perturbação dos sentidos anunciada por Rimbaud e que tende a se banalizar.

A mitologia das Luzes teve por consequências o desenvolvimento científico e tecnológico que se sabe, mitologia essa que assegurou a dominação do mundo ocidental. Essa mitologia parece cansada. Sob os golpes dos teóricos do "decremento", dos da *deep ecology* ou, de maneira mais folclórica, dos das associações altermundialistas, sua solidez conceitual e sua arrogância moral parecem um pouco perturbadas. E, a partir desse momento, vemos reaparecer alguns outros mitos que estavam esquecidos, aqueles nos quais a efervescência, a eflorescência, a fome de viver, e mesmo a desordem aparecem na frente da cena social. O barroco foi ressuscitado. Trata-se de novos mitos que são, na verdade, antigos. Como dirá Michel Foucault, "sempre os mesmos".

Assim, do poder do racionalismo sucede essa *parte do diabo* que é a potência da imaginação. Isso pode ser ilustrado, muito simplesmente, pensando-se no vai-e-vem que existe, conforme puderam mostrar os historiadores de arte, entre as épocas clássicas e as épocas barrocas. Wölfflin, no fim do século XIX, observa como o estilo clássico – sua arquitetura, sua pintura, sua música – consiste, sob a égide da razão, em guardar distância. Estilo ótico que coloca tudo em perspectiva, purificando, simplificando, mantendo apenas o essencial. Essa concepção ótica do mundo, na vida social, coloca o acento na *separação*. É a dicotomia do corpo e do espírito, da natureza e da cultura, do Eu e do Outro, do público e do privado. E a lista pode prosseguir infinitamente. Prevalece uma razão clássica, de certa forma redutora, que repousa, segundo Gaston Bachelard, na *filosofia do não*.

Não ao formigamento da vida, às desordens das paixões, aos distúrbios dos sonhos, à irrupção do jogo do qual se conhece seu aspecto caótico, tomando por critério a medida do *homo sapiens*, e não a do *homo demens* e seu cortejo das bacantes. É exatamente o contrário que prevalece no estilo barroco e que se pode resumir por um *sim à vida*. O termo pelo qual se qualifica é háptico, com sua conotação de tati-lidade. Tocar, promover interações múltiplas entre o material e o espiritual. Culturalização da natureza e naturalização da cultura. A vida como um perpétuo furta-cor. O claro-escuro da existência, tendo-se em conta esta parte fecunda de sombra que numerosos artistas, pensadores ou criadores, de todos os campos, souberam mostrar. Este encadeamento de pessoas e de coisas é, verdadeiramente, a marca do barroco. É sempre pelo e sob o olhar do outro que se vive, que se pensa, que se age. Para dizê-lo de forma mais acadêmica: uma vida social determinada por um poderoso "conformismo lógico".

Pode-se chamar tal conectividade um *tornar-se modo do mundo* no qual, como no caso de outras épocas de grande cultura, o que importa é menos o indivíduo, racional, poderoso e solitário, do que um princípio de relação, causa e efeito da exuberância vital. Eis o que é o "sim à vida" do renascido barroco, ou seja, uma vitalidade renovada que se observa, para ficar com apenas alguns exemplos, no estilismo contemporâneo, que pode ser considerado um espelho que reflete sua época. Do seu jeito

obstinado, as criações ao mesmo tempo antigas e novas de um Christian Lacroix. O brilho das cores, a exuberância das formas, a multiplicidade dos sentidos, o sentimento de completude que parece surgir dos modelos apresentados. Tudo isso traduz bem uma expressão de todo o ser.

## A arte monstruosa

Encontra-se essa mitologia barroca, também, na coreografia contemporânea, como na obra de Jan Fabre, que desperdiçou algumas emoções quando da realização das últimas edições do festival de Avignon. Aqui, ainda, se observa a completude do animal humano que se expressa – e isso se enquadra bem nessa perspectiva – na teatralização de todos os seus humores que o burguesismo tinha escondido, denegado, refutado ou totalmente marginalizado. Sangue, esperma, suor são conhecidos por aquilo que são, isto é, componentes não negligenciáveis do elo social. E sua encenação espetacular, no seu paroxismo, chama a atenção pelo fato de que não se podem mais evitar os *humores* sociais na compreensão de nossas sociedades. Seria longa a lista de cantores cujo sucesso depende, justamente, da sua expressão barroca como, por exemplo, o *bad boy* Eminem, claro, ou o *pop soul* Prince, sem esquecer o perturbador Michael Jackson. O denominador comum é, certamente, a exuberância, o virtuosismo gestual e uma gama cromática marcada pela profusão.

Em cada um desses casos, o que está em jogo é, notadamente, o aspecto monstruoso da expressão artística. Monstruoso no sentido estrito, o que *monstre*, o que é nossa natureza humana e da qual não se erradica qualquer elemento, por mais sombrio que seja. Essa vitalidade ao mesmo tempo humana e animal se apoia, teoricamente falando, em uma série de obras que não se contentam mais em fazer a crítica disto ou daquilo, mas que se ocupam em destacar aquilo que é. Pode-se lembrar, nesse sentido, o famoso livro *La pensée sauvage*, de Claude Lévi-Strauss. A filosofia da vida, a do elogio de *uma razão sensível*, para além de uma casta intelectual miserável, se empenha em reconhecer, de uma maneira um pouco trágica, que o querer-viver do homem sem qualidade merece, verdadeiramente, que se saiba honrar através de um pensamento, portanto.

O estilismo exuberante, a coreografia animal, as músicas atonais, o pensamento selvagem são, exatamente, as facetas de um barroquismo pós-moderno que exprime a permanência das raízes e o dinamismo que elas não deixam de insuflar à vida social. Enraizamento dinâmico que é causa e efeito de um inegável fervor existencial. Sim, não importa o que pensem os pessimistas, há uma efervescência juvenil em muitas situações contemporâneas. Reencontra-se o desejo de entrar em contato com a alteridade que é a própria marca do barroco em sua essência.

O reconhecido historiador desse estilo, Eugenio d'Ors, sublinha que o barroco é uma eternidade ("éon"). Pode-se dizer, também, um estado de espírito. Uma sensibilidade que se encontra transversalmente em muitas épocas históricas. Estado de espírito no qual a religação se sobrepõe à separação, no qual a com-

plementaridade substitui a exclusão, no qual o relativismo toma o lugar do universalismo, no qual a pessoal plural, finalmente, substitui o indivíduo com sua identidade "indivisível". É exatamente esta a conectividade que se multiplica com a tecnologia interativa, aquela do MySpace, do Facebook, do Second Life, aquela dos vários *blogs* ou *home pages*. Sinergia que vê se desenvolverem novas mitologias porque são, paradoxalmente, velhas. Renasci-

mento do espírito barroco. *Baroccus postmodernus!*

## Referências

WATIER, P. 2009. *Uma introdução à sociologia compreensiva*. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 205 p.